

O Mito do Bom Francês:
Imagens Positivas das Relações entre
Colonizadores Franceses e Povos
Ameríndios no Brasil e no Canadá

Beatriz Perrone-Moisés



Texto disponível em www.iea.usp.br/artigos

As opiniões aqui expressas são de inteira responsabilidade do autor, não refletindo necessariamente as posições do IEA/USP.

O Mito do Bom Francês: Imagens Positivas das Relações entre Colonizadores Franceses e Povos Ameríndios no Brasil e no Canadá*

Beatriz Perrone-Moisés**

*En quoy se reconoit combien la Nature est
puissante d'avoir mis une telle sympathie
entre ces peuples-ci [Amérindiens] & les
François.*

*[No que se percebe o quanto a Natureza é
poderosa, de ter colocado uma tal simpatia
entre estes povos (ameríndios) e os
franceses].*

*Marc Lescarbot, Histoire de la Nouvelle
France, Livre I, Chap. VIII*

Nos séculos XVI e XVII, o Brasil foi palco de incessantes lutas entre portugueses e franceses pelo controle desta parte da América. No Rio de Janeiro, Cabo Frio, Paraíba, Pernambuco, Maranhão, enfim por toda parte, comerciando com os índios, os portugueses topavam com navios mercantes normandos e bretões, a ponto de Capistrano de Abreu afirmar que "durante anos ficou indeciso se o Brasil ficaria pertencendo aos Peró (portugueses) ou aos Mair (franceses)" (1988: 74). O historiador franco-canadense Marcel Trudel enfatiza o mesmo ponto ao dizer que, durante o século XVI, é no Brasil que se deve buscar a presença francesa no Novo Mundo (1963: 181). Além dessa atividade mercante que enriquecia cidades normandas e bretãs, o Brasil foi, como se sabe, o alvo de duas tentativas de colonização por parte dos franceses. A primeira, bem conhecida, França Antártica, na baía da Guanabara, concebida para servir de refúgio para os huguenotes, foi conquistada pelas armas portuguesas¹ em 1560. Nas décadas seguintes, a costa brasileira seria paulatinamente ocupada pelos portugueses.

No início do século XVII, a França faria sua segunda tentativa de colonização no Maranhão, que a colonização portuguesa ainda não tinha atingido. Essa França Equinocial

* Conferência proferida durante o seminário "Relações Brasil-França: Homem e História, Ciências e Técnicas", realizado pelo Núcleo de Pesquisas Brasil-França no dia 08 de novembro de 1995, na sede do IEA/USP.

** Professora do Departamento de Antropologia (DA/ FFLCH) e pesquisadora do Núcleo de História Indígena e do Indigenismo (NHII) da Universidade de São Paulo.

¹ A vitória portuguesa foi em grande parte facilitada, como se sabe, pela fragilidade da colônia, instalada numa ilha sem água e debilitada pela rebelião contra o autoritarismo excessivo de Nicolas de Villegagnon. A contribuição mais importante nos últimos anos acerca da França Antártica é, sem dúvida, a de Frank Lestringant (ver referências bibliográficas).

é bem menos conhecida do que a tentativa anterior, embora tivesse um caráter mais oficial, na medida em que era apoiada diretamente pela Coroa e tenha constituído, naquele momento, o esforço colonial mais importante da França, que após sua derrota voltaria finalmente suas atenções para o norte do continente, para cuidar, depois de um século de quase total abandono, do estabelecimento de uma Nova França no Canadá.

Dessa onipresença francesa em nossas costas, nesse período, restaram duas imagens. A primeira delas, alimentada pelo registro oficial português, é a de corsários. No decorrer das discussões diplomáticas ocasionadas pela presença francesa no Brasil, François reforçaria² uma nova concepção dos direitos territoriais europeus sobre o Novo Mundo, baseada na ocupação efetiva e não em direitos concedidos pelo Papa. Apoiados no direito de ocupação, François e seus sucessores promoveriam a instalação de súditos franceses em regiões ainda não “ocupadas por príncipes cristãos”, como aconteceria no Rio de Janeiro, no Maranhão e, mais tarde, na América do Norte, nos vales do São Lourenço e do Mississippi (cf. Julien, 1976). Tais atitudes já os tornavam insuportavelmente insolentes aos olhos dos portugueses, mas os franceses não paravam por aí: diz o registro que, além disso, praticavam, contra os legítimos donos da terra, atos tão selvagens quanto os de seus aliados, ignorando as mais elementares regras da guerra entre povos civilizados. Os documentos portugueses chamam a atenção para a facilidade com que os franceses se instalavam nas aldeias de seus aliados, onde acabavam tornando-se tão selvagens quanto estes. Lá constituíam família, andavam uns, pintavam-se para a guerra como seus anfitriões, faziam guerra com eles e a seu modo e, mais grave, eram acusados de, como eles, comer os inimigos. Nos relatos portugueses, a antropofagia, que era marca da selvageria entre os selvagens, aparece, assim, como cúmulo da selvagização dos franceses. E mesmo os franceses que não viviam à moda selvagem costumavam, dizia-se, dar a seus aliados indígenas prisioneiros cristãos para serem comidos.³

Essa profunda selvagização dos franceses e a intimidade com os indígenas que supunha eram reconhecidas, já na época, como indispensáveis para o sucesso – evidente –

² Ao mesmo tempo, na Espanha, Francisco de Victoria sustentava essa tese inovadora, afirmando, contrariamente à perspectiva herdada da Idade Média, que a jurisdição do Papa limitava-se ao espiritual, o que não lhe dava o direito de realizar a distribuição das “terras novamente descobertas” na América.

³ Nesse sentido, é interessante notar que o fato de dar inimigos aos índios aliados, para serem comidos, apareça como marca inegável da selvageria francesa, quando tal prática é igualmente registrada do lado português (ver, entre outros, Vicente do Salvador 1982:121). No caso dos portugueses, porém, os inimigos não eram cristãos, mas pagãos, o que a seus olhos tornava incomparáveis os dois casos. A antropofagia praticada pelos franceses nas aldeias é também registrada por Jean de Léry (1578), que, embora a relativize quando praticada por índios, mostra-se tão indignado e enojado quanto os portugueses em se tratando de seus compatriotas.

do comércio entre a França e o Brasil. Nos documentos e na historiografia, ficou pairando uma impressão, vaga demais para ser qualificada de imagem, de um relacionamento melhor dos franceses com os povos indígenas quando comparados aos portugueses. Impressão positiva que a qualidade dos relatos deixados por franceses sobre os indígenas da costa brasileira viria reforçar.⁴

Aquilo que parece ser reconhecido como característico dos franceses em relação aos povos indígenas encontra-se, por exemplo, nas cartas de José de Anchieta. Mais próximos dos índios, franceses são encontrados nas aldeias, onde desempenham o papel de conselheiros dos chefes (Anchieta, 1988: 217), instigadores e participantes das guerras indígenas, parentes (Anchieta, 1988: 215). Completamente adaptados aos modos indígenas, parecem ter perdido qualquer traço de sua origem européia: “vivem conforme aos Índios, comendo, bebendo, bailando e cantando com eles, pintando-se com suas tintas pretas e vermelhas, adornando-se com as penas dos pássaros, andando nus às vezes, só com uns calções, e finalmente matando contrários, segundo o rito dos mesmos Índios, e tomando nomes novos como eles, de maneira que não lhes falta mais que comer carne humana, que no mais sua vida é corruptíssima, e com isto e com lhes dar todo gênero de armas, incitando-os sempre que nos façam guerra e ajudando-os nela, o são ainda péssimos”, escrevia Anchieta em 1565 (1988: 219). As referências à participação e auxílio franceses nas guerras são constantes: forneciam aos índios espadas e armas de fogo (Anchieta, 1988: 209, 313), pólvora, barcos (Anchieta, 1988: 240), instruções para sua utilização e participação ativa (Anchieta, 1988: 246). Ainda mais importante do que essa proximidade e envolvimento, a fidelidade que as cartas jesuíticas atribuem aos franceses em relação a suas alianças com os povos indígenas os contrapõe aos portugueses: em 1584, Anchieta escrevia que os Tamoios de Cabo Frio e do Rio de Janeiro, tendo já sofrido maus tratos por parte dos portugueses (violências, traições e escravização), acolheram bem aos “Franceses, dos quais nenhum agravo receberam” (1988: 319).

Na historiografia, é comum encontrar menção a uma “preferência” dos índios pelos franceses, que ameaça a empresa colonial portuguesa “nas terras brasílicas, conciliando as simpatias dos naturais, que os agasalhariam com maior carinho, poupar-lhes-iam traições e

⁴ As obras Jean de Léry, Yves d’Evreux e Claude d’Abbeville, em que pesem as enormes diferenças que as separam, são reconhecidas como fontes valiosas pela riqueza de informação, pela objetividade da descrição (menos marcada por julgamentos que hoje chamaríamos de etnocêntricos), pelo lugar cedido à palavra do Outro. A riqueza desses relatos deve-se principalmente aos preciosos conhecimentos acumulados pelos intérpretes – “truchements” –, rapazes que viviam entre os índios e que eram, justamente, os franceses que se tornavam “selvagens”.

aleives, dariam preferência nos carregamentos e se habituariam às mercadorias francesas” (Abreu, 1988:73). Se os franceses se adaptavam tão bem aos usos e costumes indígenas, segundo Anchieta, que só faltava tornarem-se antropófagos, em Capistrano eles aparecem, definitivamente, como canibais: "aventureiros conhecedores da língua geral", os franceses estavam "identificados aos índios a ponto de lhes não repugnar a iguaria da carne humana" (1988:92). No mais, os fatos são os mesmos: metidos com os índios da costa por toda parte, os franceses os incitavam e auxiliavam na guerra (Abreu, 1988: 102 ss), casavam-se com suas mulheres (Abreu, 1988: 103). Não que inexistissem portugueses familiarizados com a língua e costumes dos índios ou a eles ligados por laços de família. Havia muitos, e foram de inestimável auxílio ao longo de toda a colonização. Mas, aparentemente, a diferença estaria na residência: os portugueses costumavam levar suas mulheres índias para viver com eles nos povoados portugueses, e houve casos de guerras deflagradas pela fuga de casais mistos de aldeias indígenas, encarada, pelos índios, como uma traição. Enquanto isso, muitos franceses iam para as aldeias, e nelas permaneciam, mesmo quando poderiam ter ido viver nos fortes ou povoações construídos por seus compatriotas.

Mais “hábeis” do que os portugueses para fazerem-se aceitar entre os Tupi, diz Trudel, os franceses viviam com os índios, e se, continua o autor, estes nunca perdiam a ocasião de devorar os portugueses, a condição de francês era um salvo-conduto garantido (1963: 180). Fato que, diga-se de passagem, permitiu a Hans Staden escapar do moquéim tupinambá... Por uma razão ou por outra, delineia-se um francês mais aberto do que os outros colonizadores, mais inclinado à convivência diária com os índios ou pelo menos mais condescendente. Oscilante e fragmentária como a própria experiência colonial francesa na América, para uma imagem de bom francês.

*

Mas não foi apenas no Brasil que os franceses deixaram essa imagem de bons parceiros comerciais, mais próximos de seus aliados indígenas e mais respeitosos para com eles. No outro extremo da América, na Nova-França, a imagem é exatamente a mesma. Numa tradição já longa e rica de estudos consagrados à presença francesa na América do Norte, vários especialistas afirmam uma especificidade positiva dos franceses quando comparados a ingleses e espanhóis. Afirmam nos franceses mais simpatia e respeito em relação aos ameríndios seus aliados, relações mais estreitas e mais “igualitárias”, enfatizam a ausência de escravidão indígena e o especial cuidado com a manutenção das alianças.

Essa idéia, que se convencionou chamar de tese do *génie français*, reconhece como origem o historiador norte-americano Francis Parkman, que afirmara, categoricamente, em 1867: “A civilização espanhola esmagou o índio; a civilização inglesa desprezou-o e abandonou-o; a civilização francesa adotou-o e amou-o”.⁵

Os fatos relatados, assim como os comentários, fazem eco ao que se viu no Brasil: vida selvagem, domínio das línguas e culturas, adoção de técnicas e hábitos indígenas, participação direta nas guerras. E também descrições consideradas mais ricas do que as dos ingleses no tocante aos povos ameríndios, e menos preconceituosas. As referências ao sucesso comercial dos franceses, que se encontravam nas fontes portuguesas, agora se encontram em documentos ingleses. Assim, *The American Gazetteer*, publicado em Londres em 1762, declarava: “os franceses descobriram algum segredo de conquistar o afeto dos selvagens, que nossos comerciantes parecem ignorar, ou pelo menos não se preocupam em colocá-lo em prática” (*apud* Eccles, 1987: 87). A mesma constatação seria feita por um inglês em 1765, que considerava seus compatriotas “muito pouco hábeis” em suas relações com os índios: “devido ao comportamento de todos os súditos franceses, sejam oficiais, agentes ou comerciantes, os índios irão bem mais longe para comprar seus bens e pagarão bem mais caro por eles” (*apud* Eccles, 1987: 88). W. J. Eccles, a quem devemos essas referências importantes, é um dos expoentes da tese do *génie français*; comentando tais documentos, este autor afirma que “a maior parte dos fatos indica claramente que, não havendo desvantagens, os índios preferiam comerciar com os franceses” (1987: 189). Como ele, M. Wade fala (1969: 67) de uma “tendência francesa de se adaptar aos modos dos nativos”, de uma “ausência de preconceito racial que seria um dos grandes trunfos dos franceses na América do Norte” (*idem*: 68) e de alianças “firmes e duradouras” entre franceses e ameríndios. Afirmações desse tipo se multiplicam na historiografia. Diante delas, Jaenen, outro grande especialista da colonização francesa da América do Norte invoca o bom senso: não existe colonizador “bom”, todos os europeus buscavam na América o seu próprio lucro e essa aparente simpatia dos franceses não passa, na verdade, de uma tática para atingir esse objetivo comum a todos.

De qualquer modo, os franceses exibem uma série de técnicas que lhes são particulares. Entre elas, a instituição dos intérpretes – *truchements* – ocupa um lugar central, tanto no Brasil quanto no Canadá. Sabe-se que os franceses costumavam deixar jovens marujos ou rapazes recrutados na França, especialmente com esse propósito, nas

⁵ No conjunto da obra de F. Parkman, não se trata de um elogio, já que ele considera os franceses mais próximos dos índios enquanto representantes de uma sociedade "arcaica".

aldeias de seus aliados ameríndios, que por sua vez lhes entregavam alguns de seus jovens, para que fossem conduzidos à França, onde poderiam ver o mundo de que lhe falavam. Os intérpretes permaneciam nas aldeias durante anos, aprendiam a língua e os costumes de seus anfitriões e se “indianizavam”. O caráter central e indispensável de seu papel para o sucesso do comércio franco-ameríndio é reconhecido por todos os autores que se consagram a essa questão. Em 1541, Cartier deixara em Achelacy (no vale do rio St. Laurent) dois rapazes que seriam futuros intérpretes, “inaugurando, diz M. Trudel, o sistema que seria o do século XVII” (1963: 150). Tal sistema já havia, contudo, sido “inaugurado” pelos franceses, na América, no início do século XVI, nas costas brasileiras, como bem mostra O. P. Dickason (1984). Na França Antártica, os intérpretes entram em conflito com Villegagnon, e permanecem entre os tupinambá após a derrota deste, lutando contra os portugueses. A França Equinocial nasce e toma forma graças às informações e conhecimentos de um intérprete. Os intérpretes (ou línguas, como se dizia em português) participam ativamente de todas as atividades que parecem singularizar os franceses: o intercâmbio de pessoas, a prática da aliança e do comércio segundo o protocolo indígena, o profundo conhecimento das culturas indígenas, o envolvimento direto na vida cotidiana e na guerra.

Os intérpretes eram trocados, como foi mencionado, por jovens dos grupos aliados que eram levados à França, com o propósito simétrico de aprender a língua e a cultura. Cabe lembrar aqui que estes, após terem sido recebidos na corte com toda pompa e circunstância, eram trazidos de volta, a não ser que morressem antes disso. As exceções, isto é, casos em que os franceses, como seus congêneres europeus, levavam indígenas para a Europa à força, como curiosidades e/ou escravos, são, justamente, consideradas como exceções. O. P. Dickason (1984), por exemplo, registra sua surpresa diante do fato de Cartier ter sido capaz de agir desse modo, logo ele, que tendo já estado no Brasil, deveria ter aprendido as “lições brasileiras”. Os exemplos citados mostram que atos desse tipo, “agravos”, como diria Anchieta, costumeiramente cometidos por europeus de outras nacionalidades, são chamados a explicar a surpreendente preferência dos indígenas pelos franceses.

A prática da aliança segundo o protocolo indígena, que os franceses respeitavam, supunha a realização de longos e complexos rituais, sem os quais o comércio propriamente dito não podia ser praticado. Porque aliança e comércio eram indissociáveis na América, este exigia a participação ativa nas guerras indígenas, que confirmava aquela. Os franceses lutaram ao lado dos Tupinambá contra seus inimigos, portugueses ou indígenas. No

Canadá, engrossavam igualmente as fileiras dos povos aliados contra os inimigos, sobretudo Iroqueses. Uma diferença notada, inclusive, pelos Mohawk, um dos principais inimigos iroqueses dos franceses e seus aliados, que, em 1659, reclamavam dos holandeses por não lhes darem soldados para lutar junto com eles, ao contrário do que faziam os franceses em relação a seus aliados (cf. Trigger, 1986: 311).

A reputação francesa nem sempre foi tão positiva na América. Nos pontos em que sua imagem é negativa, percebe-se que eles justamente não puseram em prática ou desrespeitaram abertamente esses princípios comprovados de convivência amigável. Na Flórida, romperam alianças antes mesmo de tê-las confirmado; nas Antilhas, simplesmente não houve aliança, já que os povos indígenas foram aniquilados. A boa reputação que une o Brasil e o Canadá está certamente relacionada a uma característica, fundamental e comum a ambas as experiências. Trata-se de relações baseadas no comércio, um comércio que depende do conhecimento e do auxílio efetivo dos habitantes da terra (que recolhiam a matéria-prima de exportação em ambos os casos). Da cooperação e boa vontade destes dependia o sucesso da empresa comercial que fundamentava a presença francesa. Nesse sentido, vários autores chamam a atenção para a inevitabilidade da aliança. Afirmam, assim, que os franceses não tinham escolha: ou se aliavam ou não comerciavam. Já foi suficientemente demonstrado que o comércio de fato favorece as relações pacíficas e amigáveis entre europeus e indígenas, ao passo que a instalação de grandes plantações, exigindo terras e mão-de-obra escrava, tenderia, inevitavelmente, a torná-las conflituosas. Durante a primeira metade do século XVI, chamada era do escambo, os portugueses praticavam o mesmo tipo de comércio que seus concorrentes franceses, marcado igualmente pelo bom entendimento com os povos indígenas.⁶

*

A imagem do colonizador fraternal permanece, contudo, colada aos franceses, nos dois extremos da América. Mestres da diplomacia indígena, profundos conhecedores das línguas e culturas ameríndias, capazes de compreendê-las e respeitá-las, e não-praticantes da escravização dos índios, deixaram boas lembranças. Se o comércio é parte importante da explicação desse fenômeno, ao que se poderia acrescentar o fato de os franceses serem o colonizador que deixou de ser, o que certamente favorece sua mitificação, em

⁶ Ver, por exemplo, a obra clássica de A. Marchant ([1942] 1980) e J. Hemming (1978).

contraposição aos “maus” colonizadores que ficaram (portugueses e ingleses), o “mistério” persiste. Se são os próprios franceses os grandes propagandistas do mito, o fato é que seus concorrentes confirmavam-no, e a historiografia recuperou-o. Para praticar o mesmo tipo de comércio que outros europeus na América, os franceses utilizavam técnicas próprias e que teriam até mesmo sido copiadas por comerciantes de outras nacionalidades, dado seu evidente sucesso junto às populações indígenas.⁷ Dizia-se que eles detinham um segredo, o de atrair a amizade dos índios. Diz-se atualmente que foram os primeiros a compreender que o sucesso do comércio, e, conseqüentemente, o lucro, dependia do conhecimento profundo dos parceiros, e de sua aliança política. Fato ou boato, existe um mito do bom francês e este tem efeitos reais sobre o modo como se concebem hoje determinados capítulos da história da colonização da América. Segredo ou esperteza, a “simpatia” que Lescarbot qualificava de “natural”, entre franceses e ameríndios, merece ser olhada mais de perto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abbeville, Claude d'. *Histoire de la mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan et terres circonvoisines*. Paris, 1614.
- Abreu, Capistrano de. *Capítulos de História Colonial (1500-1800)*. Belo Horizonte, Itatiaia/São Paulo, EDUSP (Col. Reconquista do Brasil, 2a. série, vol. 119), 1988 [1907].
- Anchieta, P. José de. *Cartas, Informações, Fragmentos Históricos e Sermões*. Belo Horizonte, Itatiaia/São Paulo, EDUSP (Cartas Jesuíticas 3; Col. Reconquista do Brasil, 2a. série, vol. 149), 1988.
- Axtell, James. *The Invasion Within: The Contest of Cultures in Colonial North America*. New York/Oxford, Oxford University Press, 1985
- _____. *After Columbus. Essays in the Ethnohistory of Colonial North America*. New York/Oxford, Oxford University Press, 1988.
- Buarque de Holanda, Sérgio. *História Geral da Civilização Brasileira*. Vol. 1. A Época Colonial. Tomo 1. Do Descobrimento à Expansão Territorial. São Paulo, DIFEL (7a. ed.), 1985.
- Dickason, Olive P. "The Brazilian Connection: a Look at the Origin of French Techniques for Trading with Amerindians". *Revue Française d'Histoire d'Outre Mer*, LXXI, n. 264-265, p. 129-146, 1984.
- Eccles, William John. *France in America*. New York, Harper & Row, 1972.
- _____. *Essays on New France*. Toronto, Oxford University Press, 1987.
- Evreux, Yves d'. *Suite de l'histoire des choses plus mémorables advenues en Maragnan, en années 1613 et 1614*. Paris, R. Huby, 1615.
- Hemming, John. *Red Gold. The Conquest of the Brazilian Indians*. Londres, Macmillan, 1978.
- Jaenen, Cornelius J. "Thoughts on Early Canadian Contact". In: *The American Indian and the Problem of History*, C. Martin (ed.), New York/Oxford, Oxford University Press, p. 55-66, 1987.
- Julien, Charles-André. *Les Français en Amérique au XVIIe siècle*. Paris, Centre de Documentation Universitaire/Société d'édition de l'Enseignement Supérieur, 1976.

⁷ Assim, os holandeses teriam, segundo O. P. Dickason (1984), copiado as técnicas francesas em relação aos índios no Brasil, o que inclusive valeu-lhes o mesmo tipo de boa reputação.

- Léry, Jean de. *Histoire d'un Voyage Faict en la Terre du Brésil*. Paris, Le Livre de Poche. Frank Lestringant, ed. [1578] 1994.
- Lescarbot, Marc. *Histoire de la Nouvelle-France*. W.L.Grant & H.P. Biggar (eds.). Toronto, The Champlain Society, 3 vols, [1617] 1914-1917.
- Lestringant, Frank. *Le huguenot et le sauvage*. Paris, Aux Amateurs de Livres, 1990.
- _____. "Léry ou le rire de l'indien", In: Jean de Léry, *Histoire d'un Voyage Faict en la Terre de Brésil*. (1578) Paris, Le Livre de Poche, pp. 15-39, 1994a
- _____. *Le cannibale. Grandeur et décadence*. Paris, Perrin, 1994.
- Marchant, Alexander. *Do Escambo à Escravidão. As relações econômicas de portuguesas e índios na colonização do Brasil*. São Paulo/Brasília, Nacional/INL (Brasiliana 225), [1942] 1980.
- Parkman, Francis. *The Jesuits in North America*. Boston, 1867.
- Trigger, Bruce. *Natives and Newcomers. Canada's "Heroic Age" Reconsidered*. Montréal, McGill-Queen's University Press, 1986.
- Trudel, Marcel. *Histoire de la Nouvelle-France. I - Les vaines tentatives 1524-1603*. Montréal/Paris, Fides, 1963.
- Vicente do Salvador, Frei. *História do Brasil 1500-1627*. Belo Horizonte/ São Paulo, Itatiaia/EDUSP,1982.
- Wade, Mason."The French and the Indians". In: *Attitudes of Colonial Powers Towards the American Indians*, H. Peckham & C. Gibson (eds.), Salt Lake City, pp. 61-80, 1969.